

O sentido da morte nas experiências dos sujeitos umbandistas e seus efeitos na vivência do processo de luto

The sense of death in the experiences of umbandist subjects and its effects on the experience of the grief process

Gisleine Ana Mafra Nogueira

Orlando Afonso Camutue Gunlanda

Resumo: Este estudo teve por objetivo investigar como os Umbandistas atribuem sentidos à vida e à morte, como lidam com o processo de finitude, além de analisar quais as implicações psicológicas do discurso religioso Umbandista nas diferentes etapas do luto. Uma vez que essa temática é escassa na comunidade científica, visa-se a necessidade de desenvolver estudos para instigar a produção de conhecimentos que forneçam recursos e instrumentos para que a psicologia pratique uma abordagem mais acolhedora e que desenvolva uma prática com olhares que quebrem os estigmas de preconceito e racismo religioso. Do ponto de vista metodológico, fez-se um mapeamento dos terreiros de Umbanda na cidade de Joinville, com o objetivo de analisar as narrativas que os sujeitos vinculados à essa experiência religiosa produzem, sobre a noção de morte e suas relações com o processo de luto. Também foram realizadas entrevistas semiestruturadas, com participantes que frequentam os terreiros de Umbanda e que vivenciaram o processo de luto de um ente querido. A partir da coleta de dados, realizou-se o processo de organização e a análise das informações através da Análise Dialógica do Discurso de Bakhtin, entrelaçando-se com a teorização a partir da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural de Vygotsky, que reconhece o sujeito como ser histórico, social e cultural.

Palavras-chave: Umbanda, Psicologia Histórico-Cultural, Morte, Luto.

Abstract: This study aimed to investigate how Umbanda practitioners attribute meanings to life and death, how they deal with the process of terminality, in addition to analyzing the psychological implications of Umbanda religious discourse in the different stages of mourning. This theme is scarce in the scientific community, aiming at the need to develop studies to instigate the production of knowledge, which aim to provide resources and instruments for psychology to practice a more welcoming

approach, and to develop a practice with views that break the stigmata of prejudice and religious racism. From a methodological point of view, a mapping of Umbanda Temple in the city of Joinville, was carried out, with the objective of analyzing the narratives that subjects linked to this religious experience produce, about the notion of death and its relationship with the grieving process. Semi-structured interviews were carried out with participants who attend Umbanda Temple and who have experienced the grieving process of a loved one. From the data collection, the process of organization and analysis of information was carried out through the Dialogical Analysis of Bakhtin's Discourse, intertwining with the theorization from the perspective of Historical-Cultural Psychology of Vygotsky, which recognizes the subject as being historical, social and cultural.

Keywords: Umbanda, Historical-Cultural Psychology, Death, Mourning.

INTRODUÇÃO

Para iniciar esse trabalho peço licença à ancestralidade, ao meu mentor espiritual, peço proteção. Que Exu abra meus caminhos e guie minhas palavras, minha mãe Iemanjá me cubra com sua sabedoria e amor. O percurso desse artigo iniciou no primeiro ano de faculdade ao entrar em contato com a temática morte e luto, e os tabus que cerceiam esses fenômenos, instigando a ampliação de conhecimentos e a compreensão do ciclo de vida. Após uma vivência religiosa em sincronicidade com processo psicoterápico, potencializou a importância da religiosidade no processo de subjetivação. Transversalmente com a temática de decolonialidade¹, possibilitou delimitar o campo de pesquisa para o presente artigo que discorre sobre religião afro-brasileira.

Essa temática é escassa na comunidade científica, sendo necessário que a Psicologia desenvolva pesquisas e produções para obtenção de conhecimentos que vão além dos padrões ocidentais. Compreendendo a autenticidade dos povos originários em seus aspectos histórico, social e cultural, que permeiam a constituição dos sujeitos brasileiros, é possível desenvolver instrumentos para uma prática psicológica mais acolhedora, abrangendo os sujeitos em sua

¹ desconstrução do processo de colonização, que usurpou da história as raízes africanas e indígenas. É reconhecer a ancestralidade, compreender e aceitar a autenticidade dos povos originários.

integralidade² e resgatando a subjetividade dos mesmos. A falta desse conhecimento faz com a sociedade pratique intolerância e racismo, além de negligenciar os resquícios dessas tradições ainda existentes na nossa sociedade. Esses fatores podem causar sofrimento psíquico e intervir na constituição da subjetividade desses sujeitos.

Portanto, o presente artigo procura compreender quais os sentidos atribuídos ao processo de finitude e da morte para os Umbandistas na cidade de Joinville. O estudo procurou analisar elementos importantes da religiosidade Umbandista, os quais servem de intercessores analíticos para a compreensão do sentido da vida, o modo como são experimentados e significados os processos de finitude e a elaboração diante da morte de um ser amado.

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, o sujeito é constituído através da historicidade, do convívio com a sociedade e do contato com a cultura. É um processo materialismo histórico e dialético de transformação: o sujeito passa de uma condição natural para uma condição cultural, através da mediação social oriunda da atividade produtiva humana e de suas modificações históricas, mas também, pelas inscrições sociais internalizadas e singulares de cada sujeito. Assim, a subjetividade é constituída através das relações sociais, não sendo um processo estanque, mas em constante transformações que são determinadas pelo modo de produção humana (ZANELLA, 2005; SIRGADO, 2000).

Para Bock et al. (2008, p.23), a subjetividade é uma síntese de todo o arcabouço constitutivo do sujeito que se apresenta como único através das suas experiências singulares de vida e, ao mesmo tempo, nos torna iguais, pois, parte dessa experiência é herdada socialmente. Segundo a autora, subjetividade é: “[...] um mundo de ideias, significado e emoções construído internamente pelo sujeito a partir de suas relações sociais, de suas vivências e de sua constituição

² considera aspectos biopsicossocial e dotado de herança histórica e cultural.

biológica...” e ainda compreende a subjetividade como “... as manifestações afetivas e comportamentais.”.

A religiosidade é constituída por um campo semântico singular, a qual possibilita atribuir vínculos com grupos ou instituições que compartilham da mesma crença e prática religiosa. É constituída historicamente e produz valores com as diferentes culturas e através da interação com a sociedade, seus sentidos se modificam com o tempo e estão atreladas à vida concreta de seus adeptos (BERNARDI E CASTILHO, 2016; DALGALARRONDO, 2008; VIANNA, 2016).

As instituições religiosas oferecem espaço de pertencimento e acolhimento, conectando sujeitos que compartilham valores morais e crenças. Algumas práticas religiosas só podem ser compreendidas por aqueles que nelas estão inseridas social e culturalmente, porém, percebe-se que alguns sujeitos se direcionam para práticas religiosas que condizem com seus princípios éticos e morais (HENNING E MORÉ, 2009; VIANNA, 2014).

Portanto, podemos considerar a religiosidade como parte da constituição do sujeito. Segundo Henning e Moré (2009) a religiosidade é herdada, modificada através das manifestações sociais, seus ritos e mitos fazem parte de um processo cultural, estabelecendo por vezes, as crenças e os valores da constituição simbólica dos sujeitos. A religiosidade pode oferecer elementos para que o enlutado possa utilizar como instrumentos para significar e elaborar o processo de morte e luto do ser amado (PESSOA, 2015).

Para a compreensão do fenômeno morte faz-se necessário o entendimento dos sentidos e significados para os sujeitos, que estão submetidos ao contexto sócio-histórico-cultural e permeados por modificações no decorrer da vida. As experiências com o processo de finitude de um ser amado possibilitam a reorganização e a resignificação do lugar do ser perdido na vida do enlutado, que ao revisitar os acontecimentos, possibilita encontrar sentido para esse fenômeno (MAZORRA, 2009).

Ariés (2012) elabora um percurso histórico sobre o morrer. Segundo ele no período medieval o homem reconhecia o momento de sua morte através de avisos, observação de signos e pela trajetória de guerra e de doenças, aguardava a morte em seu leito e diante de seus familiares. Já na segunda metade da Idade Média, a expressão de morte passou a ter conotação de medo — medo do devir a morte — do juízo final e do lugar de paraíso e inferno. Neste período passou-se a utilizar os caixões para esconder o morto, assim negando a morte. Nos séculos XVII e XVIII com medo de serem enterrados vivos surgem então os velórios e demais rituais que possibilitava atrasar o momento do enterro. Já o século XIX é marcado pela morte romântica, a separação dolorosa, a ruptura com o outro, a morte do outro. E no século XX a morte é um fracasso: o corpo doente deixa de produzir e assim, largado ao esquecimento, o processo de finitude acaba sendo solitário, causando dor e sofrimento aos sujeitos que vivenciam o processo, e aos seus familiares e amigos (ARIÉS, 2012; COMBINATO E QUEIROZ, 2006; KOVÁCS, 1992).

A morte pode ter sido um dos epicentros das religiões, segundo Vianna (2014, p. 62), “a religião ‘religa’, o indivíduo a Deus”, visto que, a ciência não consegue responder se há vida após a morte, os sujeitos se deleitam das crenças religiosas, que marcam os corpos com regras, leis e condutas que determinam o certo e o errado em busca da “salvação”. Com o objetivo de analisar as implicações psicológicas do discurso religioso e como a religião atribui o sentido à morte e ao processo de luto, este trabalho irá discorrer sobre a religião da Umbanda.

CONCEPÇÕES SOBRE A MORTE NA TRADIÇÃO UMBANDISTA

A Umbanda foi anunciada no Brasil, no ano de 1908. Ainda em formação e renovação, traz em sua referência a junção de raças, variações culturais oriundas dos povos africanos, dos povos indígenas, com embasamento no sincretismo religioso cristão e nas codificações do Kardecismo, do misticismo e

magístico. Pode-se alegar a existência de pluralidade, na prática da Umbanda, não se apresentando de forma dogmática, mas também oferecendo aos dirigentes de terreiros a autonomia para desenvolver os rituais em conformidade com o contexto cultural, histórico e social da comunidade em que está inserida (CUMINO, 2019).

O termo anunciado no Brasil é utilizado, pois, a Umbanda carrega consigo elementos oriundos do período de escravização, na diáspora africana. Quando os povos escravizados — principalmente negros africanos — chegaram à colônia Brasil (onde os povos indígenas já habitavam essas terras), além de proibidos de praticar seus ritos e cultos religiosos, também foram doutrinados com base na teologia do catolicismo. Diante desse cenário surge o sincretismo religioso como alternativa, aos povos de religião de matriz africana e indígena, viabilizando a realização dos seus rituais e práticas religiosas sem serem castigados e/ou punidos (GONÇALVES; OLIVEIRA, 2018).

Portanto, considera-se que no ano de 1908 através da incorporação do espírito Caboclo das Sete Encruzilhadas, instituem-se os fundamentos da Umbanda, as ritualísticas e práticas, as regras como: missão em prol da caridade, atendimentos gratuitos para comunidade, uniforme branco para os médiuns, utilização de guias, velas, flores e plantas, entre outros (CUMINO, 2019).

O nome Umbanda tem origem do vocabulário africano que significa “a arte de curandeiro”, com variações teológicas, mas consensuais em alguns aspectos como: pautada pela prática da caridade e o exercício do amor; crença nos Orixás, sendo forças da natureza; crença nas ações dos espíritos, dos guias e guardiões, que auxiliam na evolução dos encarnados; crença na reencarnação, as consecutivas vidas atribuem aprendizado para equilíbrio e evolução do espírito; crença em Jesus Cristo, como sendo o espírito mais evoluído que viveu na terra; baseado na doutrina Panenteísta, acredita que Deus está em tudo, ele é criação e criador de tudo que foi criado (JUNIOR, 2017; ANGELI, 2019).

Segundo Negrão (1993), é pela caridade, que os médiuns e os espíritos caminham para a evolução espiritual, ajudando ao próximo sem discriminação, sem almejar recompensa e em prol da transformação coletiva. Entende-se que

a vida na terra ou a vida terrena é uma passagem que oportuniza o aprendizado dos nossos erros e a possibilidade de consertá-los. E através da caridade possibilita-se a ascensão espiritual e evolução da criação divina.

Marcada pela oralidade e corporeidade, carrega consigo as tradições e os ensinamentos da ancestralidade no desenvolver de suas ritualísticas. A religião umbandista é constituída de diversos ritos e rituais, sendo a própria religião um grande ritual. Para Dias (2009) os ritos e rituais não são uma celebração fechada, seus símbolos e aspectos culturais fazem parte do cotidiano e da vida em sociedade, são sentidos de diferentes formas e auxiliam na formação do indivíduo e do coletivo. Cada terreiro apresenta particularidades em seus rituais, como o de desenvolvimento mediúnico, do batismo, da bênção matrimonial e da prática fúnebre, levando em consideração o contexto social e cultural.

O nascimento assim como a morte são consagrações que delimitam a passagem do plano espiritual para o plano terreno, e vice-versa, morremos numa dimensão para viver em outra. Assim sendo, a morte do corpo físico não representa a finitude, pois a vida terá continuidade em outra dimensão. A reencarnação se faz necessário para a evolução espiritual, o modo como viveu essa vida orientará onde será a morada no plano espiritual, conforme a vibração energética e emocional, pois a alegria, a dor, o sofrimento e a fé são levados consigo (NASCIMENTO, 2004; SILVA, 2021).

Para os Umbandistas, segundo Queiroz (2007), a passagem na vida terrena é necessária para a nossa evolução, e a morte é o término de uma fase que terá continuidade no plano espiritual. As atitudes do corpo físico irão determinar onde será a morada após o desencarne, podendo ser num lugar agradável, de aprendizado, de cura, de trabalho espiritual, de sofrimento, de negação, entre outros. Parafraseando Queiroz: o Umbandista pode desconfiar como será sua experiência após o desencarne. Assim sendo, o presente artigo busca compreender como os Umbandistas vivenciam o luto a partir dos sentidos que eles produzem sobre a morte.

PERCURSO METODOLÓGICO

Para que a pesquisadora consiga elucidar as suas inquietações, faz-se necessário o planejamento de um percurso metodológico em consonância com o público que está sendo pesquisado. A pesquisadora precisa se apropriar dessa realidade de vida, explorar o território, conhecer a história e a cultura desses sujeitos, para então desenvolver recursos que possibilitem atingir os objetivos de pesquisa.

Spink (2008) faz uma analogia entre a panificadora tradicional, que faz parte do cotidiano das pessoas que por ela transitam, sendo uma extensão da rua e do coletivo; e dá a panificadora boutique, com variações de produtos, porém causa estranhamento, se apresenta o sujeito singular e não existe uma coletividade. O pesquisador no cotidiano é aquele que faz parte das relações, entre conversas e acontecimentos, como alguém que tem algo a contribuir nesse cotidiano, mas principalmente aprender e apreender novos saberes.

Segundo Gunlanda (2020, p. 21), “Pesquisar é participar de processos políticos, criar rupturas e fazer fissuras nas linhas duras que produzem separações sociais e reafirmam a produção das diversas formas de desigualdades”. Assim sendo, a pesquisa no cotidiano orientada pela lógica da panificadora tradicional e da panificadora boutique, está implicada em promover mudanças sociais, ruptura de estereótipos, oportunizando a visibilidade, dissolução de certos modos de olhares estigmatizados e instituídos, problematizando as diversas aparências que o racismo se apresenta em nossa sociedade.

Entrelaçando com o viés no cotidiano o percurso metodológico foi inicialmente de exploração, que nos autoriza através dos diálogos informais e ao encontro com o campo, percorrer por um campo pouco explorado, através da relação horizontalizada com compromisso político de transformação, corroborando com a perspectiva do cotidiano de Spink (SAMPIERI, COLLADO, LUCIO, 2013; GUNLANDA, 2020).

A inserção no local de pesquisa foi realizada através do mapeamento dos terreiros de Umbanda situados na cidade de Joinville. Como ferramentas de pesquisa foram utilizadas as plataformas de busca do “Google” e as redes sociais “Instagram” e “Facebook”. Após levantamento dessas informações constatou-se que essas ferramentas não contemplam todos os terreiros localizados na cidade, alterando assim, o método de busca que passou a ser através de indicações.

Os critérios de inclusão para esta pesquisa foram sujeitos acima de 18 anos residentes na cidade de Joinville, frequentam somente o terreiro de Umbanda, tenham firmado o cruzamento³ das sete linhas e terem vivenciado a perda do ser amado nos últimos 18 meses. Serão critérios de exclusão: sujeitos que tenham idade inferior a 18 anos, frequentem outras religiões ou que não tenham firmado o cruzamento das sete linhas. Porém, não foi possível abarcar o critério de inclusão dos participantes que tenham vivenciado a perda do ente amado nos últimos 18 meses com o ritual do cruzamento das sete linhas.

A pesquisa de campo iniciou após aprovação do parecer do comitê de ética, sob n.º 5.442.675. Aos pesquisados foi apresentada a temática e após anuência do participante e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguiu-se com a entrevista. Esta pesquisa seguiu os preceitos éticos que norteiam as pesquisas com seres humanos, conforme preconizado pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Os dados foram obtidos de forma qualitativa, levando em consideração a subjetividade dos sujeitos envolvidos, a participação do pesquisador, o contexto social e cultural que a pesquisa foi realizada (ZANELLA, 2006). Os registros foram feitos através de gravador de áudio e posteriormente transcritos.

Este artigo engloba a narrativa de nove participantes que passaram pela vivência do processo de morte do e luto pelo ente amado; sendo seis líderes religiosos e 3 praticantes. Os nomes dos participantes foram substituídos por

³ Ritualística de preparação umbandista que tem por objetivo a proteção durante o desenvolvimento do trabalho mediúnico, momento em que diversas energias se cruzam.

nomes de personalidades brasileiras que são adeptas às religiões de matriz afro-brasileiras.

Quadro 1 – Relação participantes da pesquisa

Nome Fictício	Cargo	Tempo Religião
Bruno Gagliasso	Pai de Santo	50 anos
Paulo Henrique	Pai de Santo	20 anos
Juliana Paes	Mãe de Santo	40 anos
Anitta	Mãe de Santo	30 anos
Daniela Mercury	Médium	10 anos
Lucas Penteado	Pai de Santo	20 anos
Henry Castelli	Pai de Santo	50 anos
Alcione	Participante	7 anos
Marcos Pasquim	Participante	20 anos

Fonte: Elaboração própria, 2022.

Para a análise das informações coletadas utilizou-se a perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (ADD) de Bakhtin, que está pautada na relação do diálogo entre o pesquisado e o pesquisador, ambos ocupando lugar de horizontalidade, onde o pesquisador faz parte dessa narrativa compondo uma produção dialética de saberes.

Nessa perspectiva o elemento de análise é o enunciado, que é um conglomerado de informações singulares, situados em determinado tempo e espaço, atribuídos de valores e expressões sociais e corporais que dão sentido ao discurso. Para Gunlanda (2020) no discurso apresentam-se aspectos verbais que estão situados na fala; além dos extras verbais, os quais dizem respeito aos elementos extra fala, elementos da sociedade que atravessam o sujeito e o lugar social que ocupa, os aspectos de condição econômica e de gênero. Assim sendo, todo discurso é um diálogo produzido por vários discursos ao longo da história, e precisa ser compreendido em seu lugar de discurso de anunciação (GUNLANDA, 2020).

A metodologia da ADD de Bakhtin é flexível, não existem normas e procedimentos fechados, os dados são desenvolvidos durante a relação

dialógica, a pesquisadora interage com o contexto histórico-cultural e social dos pesquisados. Para a análise, cada fala foi compreendida como um enunciado, possibilitando organizar as categorias através da narrativa do sujeito, a partir da dimensão verbal e extra verbal (DESTRI, MARCHEZAN, 2021; GUNLANDA, 2020; SOBRAL, GIACOMELLI, 2016).

Como resultado desse processo, foram constituídas as seguintes categorias: (a) religiosidade prepara para o momento — sinais, discorre sobre os significados atribuídos após a perda do ser amado, revisitando esse momento e produzindo novos sentidos. (b) aceitação e negação do amor, faremos uma tessitura sobre a teoria do processo de luto e os sentidos atribuídos diante da perda do ser amado. (c) ritos — da preparação do corpo ao ato simbólico do adeus, apresentará os rituais de iniciação, de desenvolvimento, da morte e do luto na perspectiva da religião Umbandista, e as implicações psicológicas dos rituais fúnebres no processo de luto.

RELIGIOSIDADE PREPARA PARA O MOMENTO — SINAIS

Segundo Mazorra (2009), a construção de significação diante da perda do ser amado, é um processo necessário para apropriação da experiência da perda e elaboração da vivência, auxiliando no processo do luto. Alguns significados podem operar como recursos, atuando no campo simbólico, ressignificando como o enlutado vivenciou o processo de finitude. Alcione ao recordar o processo da sua perda, nos relata:

[...] foi tão rápido, porque eu tinha saído no dia, eu tinha médico, e aí ele ficou em casa. Mas parecia que tinha alguma coisa que me avisou. Só que eu não, assim, hoje em dia eu consigo, se eu tivesse prestado atenção no sinal [...] eu senti uma dor muito forte no peito, e eu nunca tinha, me deu uma pontada forte assim, meu, mas muito forte, que eu acho que foi a hora que ele, se foi mesmo [...] eu senti a vibração que era da entidade,

que quando eu tava na gira, eu senti aquele frio, que eu sempre senti, no Exu.

Quando o enlutado entra em contato com os sentimentos suscitados pela morte e pela perda, reconhecendo esses sentimentos, torna-se viável a abertura para o percurso de significação e elaboração da perda, possibilitando reviver o processo de finitude e atribuir novos sentidos para essa experiência (MAZORRA, 2009). Na narrativa abaixo Bruno Gagliasso recorda o processo de finitude do seu ente amado, atribuindo novos sentidos para os eventos que antecederam a morte e reestruturando como vivenciou a despedida.

E quando ela foi pra ela ir embora mesmo, a minha irmã tava pra vir pra cá e tal, e eu achei que minha irmã devia falar com ela, dizer que ela podia se libertar, que podia ir, [...] E depois disso, isso foi em torno 6:00 – 7:00 horas da noite, quando foi 11 e, pelas minhas vias 23:20 ela faleceu. Talvez ela tava precisando disso [...] por mais espiritualizado que a gente seja, ainda no momento de partida, a gente tem sempre uma coisa que você quer fazer.

Para Daniela Mercury, ao ressignificar o processo de finitude, nos relata:

Quando eu estou indo trabalhar, eu vejo, eu indo com o carro em direção ao hospital, não em direção ao meu trabalho. [...] E de repente eu me vi lá, a rua ali do hospital, [...] eu disse, então, eu disse: “Pois olha! eu também, senti um aperto no coração [...] E daí foi meio dia, era três pra meio dia, mais ou menos, ele fez a passagem. [...] As coisas se preparam, sabe? a espiritualidade [referência a religião Umbandista] prepara as coisas para deixar, elas mais leve...

Para Sigardo (2000), à luz da teoria de Vygotsky, os conteúdos dos sonhos também são produtos do processo sócio-histórico-cultural, o sujeito sonha e se vê como sonhador. Através da elaboração dos signos — elementos culturais —

em palavras, é possível significar o conteúdo que se apresenta durante o sonho e articular com as vivências, possibilitando que o sujeito atribua novo sentido para o processo de despedida do ente amado, viabilizando o apaziguamento do luto. Bruno Gagliasso, relata sobre sua experiência ao sonhar com a pessoa amada.

Tive experiência com a minha mãe [...], eu tive um sonho, mas não foi bem um sonho. Foi uma coisa mais como se tivesse olhando uma imagem e estava vendo todo aquele cenário, a minha mãe saindo, sabe? Do lugar onde que ela estava ali, e atrás muitos, todos, muitas pessoas que também estavam presas na matéria indo com ela, ela tava sendo, como se fosse orientando, levando, um monte de espíritos que estavam por ali, muito séria, muito rápida, e tal. E foi. E a minha mãe só teve uma, depois disso, ela teve uma manifestação que estava viva.

Segundo Worden (2013, p. 123 – 124), a experiência do sonhar com o morto faz parte do processo de elaboração dessa perda, permitindo que os sentimentos sejam processados, ajustando seu mundo sem a presença da pessoa amada e possibilitando dar sentido no processo de significação do enlutado, podendo atribuir apaziguamento no sujeito, pois, “grande parte dos enlutados têm um desejo forte de saber que seu ente amado está bem e muitos sonhos sobre luto mostram isso.”. Para Juliana Paes a experiência de sonhar com seu ser amado, tranquiliza as aflições e a saudade, atribuindo recursos para percorrer o processo de luto.

Eu perguntava para o Marcelo, a gente sabia que estava morto. Quando a gente lembra de ti, como se sente? Como é que é a explicação? Eu queria ter essa explicação. Eu sonhei. [...] Mas foi muito bonito, porque ele disse “cada vez que alguém lembra com carinho da gente, chega em forma de luz...”

Através dos elementos atribuídos culturalmente pela religiosidade, os adeptos a essa prática religiosa, encontram caminhos para reestruturar as experiências passadas, modificando-as pela necessidade das transformações sociais. Assim, o sujeito consegue ressignificar o processo de finitude e morte, atribuindo novos sentidos a esses acontecimentos, atravessando o processo de luto com melhor aceitação do fenômeno e permitindo que o ser amado permaneça na lembrança em sua vida.

ACEITAÇÃO E NEGAÇÃO DO AMOR

Como vimos anteriormente, a religiosidade tem papel importante no processo de ressignificação da morte do ente querido. Possibilita ao sujeito através da mediação cultural, que ele possa perceber, sentir e compreender os acontecimentos, oferecendo a este fenômeno novas significações e novo sentido para a vida do enlutado, auxiliando na elaboração do processo de luto.

Franco et al. (2021) faz um resgate dos estudos sobre o luto — desde século XVII até os tempos atuais — constatando que os aspectos culturais, sociais e naturais são determinantes para a forma de vivenciar o luto, passando por ressignificações em conformidade com o contexto histórico e social. No final da Idade Média o luto passa pela transição da dor da perda coletiva para a dor individualiza, o enlutado passa a viver sozinho a dor da sua perda. Apesar das transformações ao longo do período, essa característica ainda se mantém.

Para Parkes (1998) o luto é uma reação à perda diante da morte, inerente à perda de uma pessoa amada; complementando em Násio (2007), o luto é um lento processo de desamor, é aprender amar sem a presença viva do seu amado. A dor do luto faz parte da vida do enlutado, mas não se trata de dor física, é uma dor psíquica que, para o autor (2007, p. 23), “o luto é definitivamente uma dor de amar”, é um afastamento forçado daquilo que amamos. O luto advém da dor de amar, da procura subjetiva e emocional pelo outro perdido, em meio aos sinais e lugares que o vinculam ao ser amado (PARKES, 1998; NASIO, 2007).

A maneira de experienciar as fases do luto são singulares ao sujeito: os aspectos do momento de vida do enlutado, a cultura de como a morte deve ser enfrentada, os comportamentos e rituais, o ambiente social e histórico são condições para a vivência individualizada desse processo. O enlutado tem uma perda subjetiva que precisa ser ressignificada, além de perdas secundárias que por vezes, necessitam reestruturar a dinâmica de vida e mudança de papéis. O enlutado não sofre somente a dor da perda da pessoa amada, mas a relação com seu cotidiano (PARKES, 1998; KOVÁCS, 1992).

John Bowlby autor da Teoria do Apego, estuda o desenvolvimento das relações entre os indivíduos, principalmente os vínculos estabelecidos na relação mãe/bebê: para ele, o tipo de apego estabelecido nos primeiros anos de vida poderá designar como os sujeitos se apropriam de recursos para lidar com as demandas e perdas durante a vida adulta. Para ressignificar o vínculo diante da perda e a relação com sociedade, Bowlby elenca quatro fases que o sujeito precisa atravessar para a elaboração e aceitação da perda do ser amado, essas fases não ocorrem de maneira linear, elas oscilam entre si (BOWLBY, 1985; FRANCO ET AL., 2021).

1.^a Fase de Entorpecimento: choque, reação imediata ao acontecimento, não reconhece a perda da pessoa amada (BOWLBY, 1985, p. 88 – 89);

2.^a Fase de Anseio: busca da pessoa perdida em meio a sinais, lugares e sonhos. Sentimento de raiva pela busca estéril em estabelecer o elo rompido (BOWLBY, 1985, p. 89);

3.^a Fase de Desorganização e Desespero: o enlutado percebe a perda. Pode surgir sentimentos de desespero por perceber a necessidade de superar antigos padrões de pensamento e de avaliar as mudanças ocorridas (BOWLBY, 1985, p. 96);

4.^a Fase de Maior ou Menor grau de Aceitação: processo gradativo que ressignifica a perda da pessoa amada, cedendo a um novo sentido a essa experiência e ao lugar que ocupa o ser perdido. Atribui novas significações na realidade cotidiana (BOWLBY, 1985, p.97).

Para Ross (2017), o enlutado precisa externalizar a dor, a raiva, os sentimentos desencadeados pela perda do ser amado. Necessita de apelo diante do pesar, preenchendo o vazio que paira diante dessa ausência, possibilitando apaziguamento com a dor da perda e contribuindo para o atravessamento do processo de luto. Anitta relata o momento da despedida do seu ente amado:

Ela faleceu [...] E foi uma coisa muito bacana, porque fui lá no hospital [...] E ali eu fui filha, eu chorei, me descabelei, pedi desculpas, pedi perdão, briguei com ela, falei assim tudo aquilo que realmente estava no meu coração, a gente fez uma oração do nosso jeito [...] Foi um momento muito doloroso, de muita dor e muito sofrimento, assim, realmente né, ela tava assim ainda, com o semblante muito suave, o perfume do cabelo [...] assim ali eu realmente fui filha, fui muito humana [...]

Bruno Gagliasso relata sobre o momento da sua perda:

E quando eu perdi a minha mãe [...] e eu senti muito. Mas eu só, eu consegui me recuperar, depois que estava enterrada, depois do enterro e tal, que eu comecei a pensar espiritualmente, naquele momento do, da morte em si, do corpo, morte do seu corpo, do enterro e tudo essa parte do velório, eu não me mantive, me olhando assim, né, eu acho que eu não me mantive como um médium que acredita, que existe uma vida após a morte, sabe? Então, eu não fiquei tranquilo, eu acho que eu deixei com que a tristeza tomasse conta de mim e não me deixasse pensar sobre o que realmente significava aquela transição [...] mas ao mesmo tempo assim, não uma revolta, mas aquela tristeza, igual a todo mundo, sabe.

Franco et al. (2021, p. 33) utiliza da pesquisa de Koury (2003) para analisar aspectos sociais que servem de apoio para o processo de luto, e a religião é considerada um aspecto importante relatando que promove: “[...] conforto espiritual [...] mudança de visão de mundo”, possibilitando que o enlutado consiga ressignificar essas experiências de perda como na narrativa de Paulo Henrique:

Uma semana antes da minha consagração [...] a minha mãe faleceu, tava triste, cabreiro, disse: ‘Pô, to fazendo direitinho, justo, não que estivesse revoltado, mas estava triste, chateado’, Ai seu Ventania [entidade espiritual] disse: ‘A tua força é do que ela precisa’ [...] Acabou o choro, acabou a lamentação, aprendi nessa minha vida que, claro, a gente tem emoção, a gente sempre, sempre te dói uma despedida [...] Então você pode chorar, sim, deve se lamentar por aquilo que você deixou de fazer, mas não se lamentar por perder algo, a gente não perde algo, só está mudando de estágio. Então, é o até logo, de fato.

Segundo Kovács (1992) não existe um prazo determinado para elaborar e finalizar o processo de luto, podendo, por vezes acarretar um luto prolongado (FRANCO ET AL. 2021). Quando o enlutado ressignifica a perda definitiva do ser amado e possibilita a abertura para modificações e reestruturação da sua vivência com o meio e com as interações sociais, é uma manifestação da aceitação da perda do amado. Isso não quer dizer que o enlutado não recordará do amor do amado, mas que essas lembranças possam surgir sem que cristalice o enlutado na vivência passada, como nos relata Daniela Mercury: “E daí aquela coisa. E foi bom enquanto durou, durou o tempo necessário. Vai doer? Vai, não vou dizer que não, é que assim, que a dor seja, a dor da falta, sabe, assim, e que a lembrança seja a lembrança boa”.

Portanto, o luto é um processo subjetivo de reconstrução simbólica da ruptura pela perda do ser amado. Os elementos da religiosidade concedem aos enlutados, explicações que os ampara na significação da vivência da perda do objeto de amor, suscitando esperança na possibilidade de uma vida pós-morte (REIS; QUINTANA; NARDINO, 2021), como relata Paulo Henrique: “...nós estamos num estágio aqui, que a gente não é daqui, a gente tá um breve período aqui [...] Então você não é daqui, você tem que ir para o seu estágio de origem”.

Para Bruno Gagliasso, em sua narrativa retrata a religiosidade no pós-luto:

O pós-luto, que eu acho que a gente [Umbandista] tem um pouco de vantagem, porque através do pós-luto você vai conseguindo verificar o quanto aquela pessoa estava espiritualizada, quando ela estava pronta para ir e o corpo está pronto para aceitar espiritualmente, sabe? Então isso é o depois que aconteceu, botou a pessoa lá no túmulo. Ela ficou lá e tal. Depois você vem pra casa, você dorme, no dia seguinte, você começa a refletir sobre isso.

Para que a religiosidade possa auxiliar na ressignificação da perda, o enlutado precisa ter recursos internos para elaboração dessa vivência, sendo adquiridos durante o processo das primeiras relações entre familiares, pela mediação cultural e social, através dos sentidos e significados que o sujeito se apropria dessas vivências, pois a crença pode funcionar como empecilhos na elaboração do luto (SOUZA; ANDRADA, 2013), como relata Alcione:

Não tenho religião, acredito muito em Deus, mas não tenho mais. Eu sinto muita falta da Umbanda eu gosto de ver a gira, só que não sei, parece que criou um bloqueio, que eu não sei explicar assim, sabe [...] Quando aconteceu tudo, eu fiquei chateada, que eles [entidades] aconselham tanta coisa para a gente, e aquilo ali que era pra me aconselhar, ai ficou esse bloqueio ai, que eu não consigo retornar.

Ao vivenciar processo de perda e luto o enlutado pode questionar aspectos que até então lhe proporcionava segurança, desenvolvendo no sujeito a uma condição de crise, que para Franco (2012), é um estado de desequilíbrio psicológico, pois o enlutado não dispõe de recursos internos necessários para o ajustamento da sua nova condição de vida e para a sua recuperação (FRANCO, 2012).

Assim sendo, para Reis, Quintana e Nardino (2021), diante da ruptura com o ser amado o enlutado pode sentir-se frustrado com a sua fé, questionando a sua crença em busca de explicação para o acontecimento. Esse movimento

possibilita encontrar sentido e significação na perda, mas o processo do luto pode ser dificultoso e com menor índice de aceitação, assim como relata Alcione sobre a perda de um dos seus filhos: “... quando aconteceu tudo, eu fiz ele sair do terreiro [filho], ele ficou um tempo afastado, mas ele voltou [...] fiquei com medo, ‘Se as entidades não ajudaram nem teu irmão, você acha que...’”

Bruno Gagliasso complementa:

Depende da forma como a pessoa vive a religião, porque assim, às vezes as pessoas, a gente se acha com pessoas cheias de fé, convicto daquilo que você está fazendo. Só que justamente na perda do ente querido que você, tem que saber se realmente você está apto para isso, se você acredita naquilo que você está vivenciando, que você fala [...]

O processo de luto é necessário para elaborar a dor da perda do amado. Tentar mitigar, negligenciar esse processo e disfarçar as feridas possibilitarão que o sofrimento fique cada vez maior, até se tornar insuportável para o enlutado viver com essa perda. Expor os sentimentos, permitir sentir raiva e desespero faz parte da elaboração e é necessário para que ressignifique todo o processo da perda, permitindo que possa conviver com as boas lembranças e com a saudade do ser amado.

RITOS — DA PREPARAÇÃO DO CORPO AO ATO SIMBÓLICO DO ADEUS

Os ritos ou rituais são representações simbólicas com características próprias de cada grupo social, localizado em diferentes espaços e tempo, através da herança histórica e cultural. Para Dias (2010, p. 73), “os ritos são apreendidos, repetidos, e repassados, de indivíduo para indivíduo, de geração em geração...”, os ensinamentos das tradições ritualísticas são transmitidos

através da oralidade e pela prática da vivência, estabelecendo ligação com a narrativa dos mais velhos para os mais novos.

Na Psicologia Histórico-Cultural a vivência faz parte da constituição subjetiva: que é uma experiência singular, elaborada através de emoções e pelas relações do meio social, possibilitando ao sujeito o desenvolvimento de suas próprias percepções (SOUZA; ANDRADA, 2013). De acordo com Pereira (2007), Mauss compreende a relação social a partir da análise das práticas ritualísticas, que acontecem num espaço-tempo e num contexto histórico-cultural. Para ele, os ritos atravessam o meio social e, pela forma que constituem esses rituais e como eles demarcam os lugares que ocupam, possibilita atribuir significações para as relações sociais (PEREIRA, 2007).

Na trajetória Umbandista, geralmente o primeiro contato com a religião ocorre através da assistência, que é quando o consulente vem em busca de ajuda e se identifica com a prática religiosa. Esse primeiro contato é feito por um médium incorporado, que já passou pelo estágio necessário de conexão do corpo com o espírito e, tem harmonização energética com o plano espiritual para a prática do atendimento. Nessa ritualística, o médium incorporado, geralmente profere boas palavras de conforto e sabedoria, orientação de banhos de ervas e defumações, entre outros rituais que condiz com a necessidade de cada consulente.

Para entrar na Umbanda o consulente passa pelo processo de iniciação e, cada terreiro tem a sua ritualística específica. Em geral, consiste no ritual do Amaci — que é a purificação do corpo — através dos banhos de ervas, defumações, pontos cantados, entre outros. Assim, o corpo está preparado para o desenvolvimento mediúnico, que se trata da preparação para a iniciação da conexão do corpo com os guias espirituais e todos os rituais que o acompanharão na trajetória Umbandista.

Na narrativa de Paulo Henrique relata sobre a importância dessa ritualística, “A gira serve pra tudo, até praquilo que tu não imagina, [...] está havendo uma modificação [energética], só através dessa modificação que as arestas podem ser curadas. Então, se você tem que curar algo, vai curar, lá na

gira”. Para Gomes e Júnior (2019), é através do corpo, materializado na incorporação, que ocorre a comunicação nos rituais Umbandista, em específico nas Giras. As Giras de Umbanda é a principal ritualística da religião, geralmente realizada no terreiro de Umbanda e é composto hierarquicamente conforme quadro 2:

Quadro 2: Cargos e funções no terreiro de Umbanda

Cargo	Função
Pai e/ou Mãe de Santo, Sacerdote.	Figura responsável pela iniciação e desenvolvimento dos médiuns da casa e por todos os rituais praticados. Esse também foi iniciado por um sacerdote da Umbanda.
Ogã	Médium responsável pela percussão. As preces ou rezas são ministradas através dos pontos cantados, ao toque do atabaque ⁴ , em sincronia com o bater das mãos e movimento corporal. Através da vibração do ritual cantado, que faz referência aos Orixás, evoca as forças da natureza para atuar com as energias necessárias, ou seja, o Axé.
Os médiuns de terreiro	São pessoas que estão em desenvolvimento mediúnico, que se trata de um processo de preparação do corpo para atuar na mesma vibração energética que o plano espiritual. O desenvolvimento desse ritual permite conectar as entidades espirituais ao corpo do médium, podendo ou não ocorrer a incorporação. Esse processo compreende diversos rituais que vão da iniciação até a formação de Pai ou Mãe de Santo, e está em constante movimentação, pois as energias precisam sempre ser renovadas e evocadas conforme as necessidades.
Assistência	É um local preparado e destinado aos visitantes da casa, sendo chamados de consulentes. Esses, por vezes, não são adeptos à religião Umbandista, mas estão em busca de ajuda espiritual.
Cambone	É o médium responsável pela organização e coordenação no momento do ritual da Gira e é o último a entrar no terreiro.

Fonte: Elaboração própria, 2022.

⁴ Atabaque: um instrumento musical de percussão.

Assim como o corpo é preparado para o desenvolvimento mediúnico, no momento do desencarne ou da morte do médium de Umbanda, o corpo passa pelo processo de preparação. O ritual fúnebre servirá para purificar o corpo, possibilitando a desconexão das energias do médium, do corpo com o espírito. E essas energias o acompanharão para o plano espiritual, permitindo que ele seja guiado para a dimensão correspondente a sua vibração energética necessária para seguir sua trajetória espiritual. Os rituais durante o velório são realizados através de pontos cantados, orações, homenagens, entre outros, que auxiliam o espírito a aceitação da sua nova condição, e para ser acompanhado pela espiritualidade e seus guias no novo plano existencial.

Portanto, o ritual fúnebre poderá auxiliar o enlutado no processo de elaboração do luto e na melhor aceitação da perda do ser amado. Através dos rituais, das orações, permitirá o enlutado compreender que a espiritualidade está amparando-o, que não estará só. Através da aceitação da perda do ser amado, das lembranças boas e do carinho que fica, compreende-se que esses fatores o auxiliaram nessa nova caminhada.

Para Bruno Gagliasso, após o ritual fúnebre ele pôde iniciar a ressignificação da perda do seu ente querido: “Mas eu só, eu consegui me recuperar, depois que estava enterrada, depois do enterro e tal, que eu comecei a pensar espiritualmente, naquele momento do, da morte em si, do corpo, morte do seu corpo, do enterro e tudo essa parte do velório”. Para ele o que se espera encontrar no plano espiritual após o desencarne é “O que a gente imagina né? que você encontra esses espíritos companheiros, esses espíritos que fizeram parte de nosso trabalho durante toda a vida, que eles estejam nos dando esse suporte.”. Portanto, essa ressignificação pode apaziguar o sofrimento da sua perda, pois, reconhece que a espiritualidade estará acompanhando o espírito do ser amado.

Para Daniela Mercury as lamentações e a não aceitação da morte do ser amado pode prejudicar o processo de adaptação e aceitação do espírito, no plano existencial, “... pós luto [...], a gente Umbandista acredita, que no plano que ele

está, quanto mais a gente chora aqui, mais ele sofre lá”. Para isso as orações ou os pontos cantados são importantes, para ela, “Então, a gente tem que rezar, né, rezar pela alma dele para que as coisas aconteçam bem, que ele seja acolhido, que ele seja amparado, aonde ele está”. O enlutado quando compreende que as suas atitudes, pensamentos e vibrações podem auxiliar no processo de adaptação do espírito na nova dimensão, reconhecendo que o tempo da sua caminhada terrena se findou e a se faz necessário iniciar o processo de cura no plano espiritual, pode experimentar uma amenização do sofrimento pela perda e começar a elaborar da maneira mais saudável possível a perda do ser amado, se readaptando a essa nova realidade que o cerca.

O ritual fúnebre na experiência Umbandista é uma prática singular que se distinguindo das demais experiências religiosas, possibilitando a organização do processo de luto, auxiliando nos processos psicológicos e no sofrimento psíquico diante da perda. Compreendendo como os Umbandistas entendem a morte através da narrativa diante da perda do ser amado e de como ocorreu o ritual fúnebre, a Psicologia conseguirá desenvolver recursos de trabalho mais adequados aos sujeitos dessa experiência religiosa.

Portanto, é fundamental que a Psicologia enquanto ciência e profissão, consiga produzir saberes que auxiliem os profissionais desse campo a dialogarem com os referenciais simbólicos que a religiosidade Umbandista apresenta aos seus fiéis, especialmente no modo como esses devem compreender e lidar com a morte dos seus entes queridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa propiciou compreender como os praticantes da religião Umbanda vivenciam o luto a partir dos sentidos que eles produzem sobre a morte e o morrer. Além de analisar as implicações psicológicas no percurso da elaboração do processo de luto, objetivando a ressignificação e a aceitação da perda do ser amado.

Para os adeptos da religião Umbandista, a vida terrena é uma passagem, um estágio que precisamos vivenciar para a evolução espiritual. É um ritual de cura que possibilita consertar os erros e aprender com eles, ajudar ao próximo através da prática do amor e da caridade. Também é uma troca, pois contribuindo com a evolução do outro, também evoluímos. Portanto, a morte é a transição do espírito no corpo físico para o plano espiritual, com rituais que contribuem para a significação da perda do enlutado.

A perda do ser amado é uma despedida que causa dor e sofrimento. Compreender que existe vida após a morte, que esse o espírito não ficará desamparado e que as orações e atitudes do enlutado podem amparar o amado no plano espiritual, são aspectos auxiliares na elaboração de perda e do luto, pois se entende que essa perda é momentânea. Ou seja, encontram-se em dimensões distintas, mas através das orações, dos sonhos, dos sinais, produz-se um apaziguamento diante da dor da perda que possibilita melhor aceitação no processo de luto.

A partir da teorização na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, tornou-se possível contemplar elementos e aspectos religiosos específicos da Umbanda, especialmente na compreensão da morte, os quais diferem das demais religiões hegemônicas na tradição Ocidental.

Desde o período Brasil Colônia, a cultura dos povos africanos e indígenas foram e ainda são invisibilizadas, se apresentando num contexto histórico da proibição e violências. Não só das práticas religiosas, mas em vários âmbitos da vida em sociedade, demandando constantes movimentos aos adeptos dessas experiências na busca da junção de fragmentos que são aceitos perante a sociedade, para poderem vivenciar os seus ritos e preceitos.

É necessário que a Psicologia amplie seu campo de produção de saberes e se debruce a estudar a religião das matrizes africanas no Brasil, corroborando para a compreensão, acolhimento e mediação dos diversos processos de vida desses sujeitos vinculados a essas experiências religiosas. Sendo esse um compromisso ético, político e científico da psicologia que, por muito tempo, em

função do paradigma epistemológico e racial do Ocidente, não se ocupou desse campo de pesquisa.

Viver Umbanda é transpor as inúmeras barreiras que perpassam pela jornada cotidiana, é ser resistência diante da negação do outro, é o reconhecimento da nossa verdadeira identidade civilizatória, é ser leal aos legítimos heróis da nossa pátria. Minha mãe Iemanjá, que suas águas nunca deixem de pairar e a Exu sua força para continuar a nossa caminhada. Saravá!⁵

REFERÊNCIAS

ANGELI, Beto. **Umbanda em casa: prática umbandista familiar**. Rio de Janeiro: Fundamentos de Axé, 2019.

ARIÉS, Philippe. **História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias**. Tradução Priscila Viana de Siqueira. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Saraiva de Bolso, 2012.

BERNARDI, Clacir José; CASTILHO, Maria Augusta de. A religiosidade como elemento do desenvolvimento humano. **Interações**, Campo Grande, v. 17, ed. 4, out. / dez. 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/inter/a/5D44rZBWRJ5d8YCpX4GP83H/?lang=pt>.

Acesso em 10/09/2022

BOCK, Ana Maria Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. São Paulo: Saraiva, 2008.

BOWLBY, John. O luto dos adultos. In: BOWLBY, John. **Apego e Perda: Perda, Tristeza e Depressão**. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985. v. 3, cap. 2, p. 83 - 273.

COMBINATO, Denise S.; QUEIROZ, Marcos de Souza. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de Psicologia**, [s. l.], p. 209-216, 2006. DOI:

<https://doi.org/10.1590/S1413-294X2006000200010>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/epsic/a/PfSWjx6JP7NQBWhcMBXmnyq/?lang=pt>.

Acesso em: 18 abr. 2022.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda: uma religião brasileira**. São Paulo: Madras, 2019.

⁵ Saudação utilizada aos adeptos da cultura afro-brasileira.

DALGALARRONDO, Paulo. **Religião, psicopatologia e saúde mental** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, 2008.

DESTRI, A.; MARCHEZAN, R. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. **Revista da ABRALIN**, v. 20, n. 2, p. 1-25, 16 jul. 2021. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 12 abr. 2022.

DIAS, Patrícia R. C. Ritos e Rituais - vida, morte e marcas corporais: a importância desses símbolos para a sociedade. **Vidya**, Santa Maria, v. 29, ed. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/328>. Acesso em: 19 out. 2022.

FRANCO, Maria Helena Pereira; ANDERY, Maria Carolina Rissoni; LUNA, Ivânia Jann. Linha do Tempo de estudos sobre o luto. In: FRANCO, Maria Helena Pereira *et al.* **Reflexões sobre o luto: práticas interventivas e especificidades do trabalho com pessoas enlutadas**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2021. cap. 1, p. 15 - 30.

FRANCO, Maria Helena Pereira. Crises e desastres: a resposta psicológica diante do luto. **Mundo saúde**, [s. l.], p. 54-58, jan. – mar. 2012. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/bvsmis/resource/pt/mis-36664>. Acesso em: 29 nov. 2022.

GOMES, Maurílio Mendonça de Avellar; JÚNIOR, Erly Vieira. Uma pesquisa em construção: comunicação, corpo e gênero nas manifestações de entidades na Umbanda. **Anais do 6º Seminário Comunicação e Territorialidades: Caminhos da comunicação no mundo em crise**, [s. l.], v. 1, ed. 6, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/poscom/article/view/32555>. Acesso em: 19 out. 2022.

GONÇALVES, Fábio da Silva; OLIVEIRA, Daniel Coelho de. História da formação e renovação da Umbanda no Brasil: um estudo de caso no terreiro Zambi-Iris Bocaiuva/MG. **VI Congresso de Desenvolvimento Social**, [s. l.], 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/152>. Acesso em: 13/09/2022.

GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. **Sociedade Kênia Clube**: produção de memória e resistência da população negra em Joinville/SC. 2020. Dissertação (Mestre em Psicologia) - UFSC, [S. l.], 2020.

HENNING, Martha Caroline; MORÉ, Carmen L. O. O. Religião e Psicologia: análise das interfaces temáticas. **Rev. Estudos da Religião**, [s. l.], p. 84-114, dez 2009. Disponível em: www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_henning.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

JUNIOR, Ademir Barbosa. **O livro essencial da Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2017.

- KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano** [recurso eletrônico]. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.
- KUBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. 10. ed. São Paulo: WMF Martins fontes, 2017.
- MAZORRA, Luciana. **A construção de significados atribuídos à morte de um ente querido e o processo de luto**. 2009. Tese (Doutorado em Psicologia) - PUC São Paulo, [S. l.], 2009. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/15837>. Acesso em: 12/09/2022.
- NASCIMENTO, Carolina. Saiba como a morte é vista em diferentes religiões e doutrinas. **Revista Época**, [s. l.], ed. 325, 2004. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG65777-5856,00-SAIBA+COMO+A+MORTE+E+VISTA+EM+%20DIFERENTES%20RELIGIOES+E+DOUTRINAS.html>. Acesso em: 7 set. 2022.
- NASIO, J. -D. **A dor de amar**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. **Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo**, 5(1-2): 113-122, 1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/84951>. Acesso em: 10/09/2022
- PARKES, Colin Murray. **Luto: estudos sobre a perda na vida adulta** [recurso eletrônico]. [S. l.]: Summus, 1998.
- PEREIRA, José Carlos. A Magia nas intermitências da Religião: Delineamentos sobre a magia em Marcel Mauss. **Núcleo de Estudos Religião e Sociedade**, PUC/SP, v. 5, janeiro/abril 2007. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7337>. Acesso em: 19 out. 2022.
- PESSOA, Patricia dos Santos. A subjetividade a partir de Vygotsky: uma aproximação com a linguagem. **VII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXII Jornadas de Investigación XI Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.**, [s. l.], 2015. Disponível em: <https://www.aacademica.org/000-015/434>. Acesso em: 9 set. 2022.
- QUEIROZ, Rodrigo. Morte e Vida Umbandista: Breve ensaio sobre a crença pós morte e funeral na Umbanda [recurso eletrônico]. In: CUMINO, Alexandre. **Teologia da Umbanda Sagrada: Material de apoio compilado**. [S. l.: s. n.], 2007. p. 243-244.
- REIS, C. G. da C. dos; QUINTANA, A. M.; NARDINO, F. Religiosidade e Espiritualidade no Processo de Luto de Pais cujos Filhos Morreram Crianças. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451870070008>. Acesso em: 16 set. 2022.

SAMPIERI, Roberto H.; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, María del Pilar B. **Metodologia de Pesquisa**. Grupo A, 2013. 9788565848367. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788565848367/>. Acesso em: 11 abr. 2022.

SIRGADO, Angel Pino. O social e o cultural na obra de Vigotski. **Educação e Sociedade**, [s. l.], 24 nov. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/gHy6pH3qxxynJLHgFyn4hdH/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 13/09/2022.

SILVA, Ana Cleide da. **A morte e o morrer: significados e implicações no viver de servidores da UFPE: um olhar integral à luz da formação humana**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/43484>. Acesso em 12/09/2022.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios de Linguagem**, [S. l.], v. 10, n. 3, p. 1076–1094, 26 ago. 2016. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 6 out. 2022.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estudo de Psicologia**, [s. l.], julho-setembro 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/F937bxTgC9GgpBJ8QhCKs6F/abstract/?lang=pt>. Acesso em 12/09/2022.

SPINK, Peter Kevin. O pesquisador conversador no cotidiano. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 20, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/6Sc7z55mBgkxxHPjrDvJHXJ/?lang=pt>. Acesso em: 4 out. 2022.

VIANNA, José H. L. Psicologia e religião: um encontro marcado com a Ética. **Ética e Psicologia: reflexões do Conselho Regional de Psicologia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro: CRP/RJ, 2014. Disponível em: http://www.crprrj.org.br/site/wp-content/uploads/2016/02/livro_etica-1.pdf. Acesso em: 12 abr. 2022.

VIANNA, José H. L. Psicologia, Laicidade e Políticas Públicas: Psicologia, Espiritualidade e Laicidade em: A insustentável leveza do ser. *In*: CRP 06 (SP). Conselho Regional de Psicologia (org.). **Psicologia, Laicidade e as Relações com a Religião e a Espiritualidade** [recurso eletrônico]. São Paulo: [s. n.], 2016. v. 1, cap. Parte Um, p. 27 - 37.

ZANELLA, Andréa Vieira. Sujeito e Alteridade: Reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicologia e Sociedade**, [s. l.], mai/ago 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/RYcScYgsPrJgpLtK9C7BhcP/?lang=pt>. Acesso em: 6 out. 2022.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia da Pesquisa**. Florianópolis: SEaD/UFSC, 2006. Disponível em: http://arquivos.eadadm.ufsc.br/EaDADM/PP1_2007_1/Modulo_1/Metologia_da_pesquisa/Material_didatico/Metodologia_da_Pesquisa.pdf. Acesso em: 11 abr. 2022.

WORDEN, J. William. **Aconselhamento do Luto e Terapia do Luto: Um Manual para Profissionais da Saúde Mental** [recurso eletrônico]. 4. ed. rev. São Paulo: Editora Roca Ltda., 2013.

Gisleine Ana Mafra Nogueira

Aluna do quinto ano do curso de Psicologia da Faculdade Guilherme Guimbala.

E-mail: gisleine@clinicanoqueira.com.br.

Orlando Afonso Camutue Gunlanda

Psicólogo pela Faculdade Guilherme Guimbala (FGG). Doutorando em Psicologia no Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGP/UFSC). Mestrado em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP/UFSC). Especialização e graduação em Teologia pela Faculdade Refidim (Joinville/SC). Coordenador do Curso de especialização em Psicologia Social: práticas institucionais e comunitárias na Faculdade Guilherme Guimbala (FGG). Docente no curso de Psicologia e Fisioterapia da Faculdade Guilherme Guimbala (FGG). E-mail: orlando.gunlanda@fgg.edu.br.

Recebido em 30 de novembro de 2022.

Aceito em 21 de dezembro de 2022.